

## O Resgate da Identidade: Fortalecimento da Autonomia Cultural como Pilar da Saúde Mental Indígena

Matheus Marques de Oliveira<sup>1</sup>, Auren Thais Nogueira do Amaral<sup>2</sup>, Maria Francenilda Gualberto de Oliveira<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Medicina, Afya Faculdade de Ciências Médicas, Itacoatiara, Amazonas, Brasil

<sup>2</sup>Medicina, Afya Faculdade de Ciências Médicas, Itacoatiara, Amazonas, Brasil

<sup>3</sup>Orientadora Medicina, Afya Faculdade de Ciências Médicas, Itacoatiara, Amazonas, Brasil

\*Autor(a) correspondente: Endereço profissional. E-mail: Matheusololiveira17@gmail.com

### 1. Introdução

A saúde mental dos povos indígenas no Brasil, tradicionalmente analisada sob a ótica dos traumas históricos e da violência, tem demandado uma reorientação de perspectiva na literatura acadêmica recente. Uma visão centrada exclusivamente nas mazelas da descolonização pode ofuscar a vasta capacidade de resistência, resiliência e as sofisticadas estruturas de autocuidado presentes nas culturas originárias (Souza; Castro, 2024).

Contrariando o enfoque patologizante, esta revisão de literatura propõe um olhar para a saúde mental não como um estado de enfermidade a ser tratado, mas como uma condição de bem-estar a ser cultivada por meio do fortalecimento da autonomia cultural. Nesse sentido, a literatura dos últimos anos tem destacado a importância da valorização das cosmovisões, dos rituais, das línguas e dos sistemas de cura tradicionais como fatores de proteção e resiliência (Oliveira *et al.*, 2023).

O resgate da identidade, a reconexão com o território e a manutenção das relações comunitárias são reconhecidos como pilares essenciais para o enfrentamento dos desafios contemporâneos e para a promoção do bem-viver.

O presente trabalho tem como objetivo explorar como a autonomia e à autodeterminação, em vez de intervenções externas, podem ser as chaves para a consolidação de uma saúde mental indígena robusta e culturalmente fortalecida.

### 2. Metodologia

#### 2.1 Tipo de Estudo

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, exploratória e bibliográfica. A abordagem qualitativa é justificada pela necessidade de compreender as complexidades da saúde mental indígena a partir de múltiplas perspectivas, focando em conceitos como identidade, resiliência e autonomia cultural, que não podem ser quantificados de forma simplista. O caráter exploratório permite aprofundar a compreensão sobre um tema com pouca visibilidade na literatura hegemônica, enquanto o estudo bibliográfico se concentra na análise de artigos científicos e documentos oficiais.

#### 2.2 Local e Período do Estudo

Este estudo foi realizado por meio de coleta de dados em bases de dados eletrônicas, portanto, não se aplica um local físico específico. O período de coleta e análise dos artigos abrangeu o período de janeiro de 2020 a agosto de 2025, com foco em publicações recentes para garantir a relevância da pesquisa.

#### 2.3 População e Amostra

A população do estudo foi composta por artigos científicos e documentos oficiais que abordam a saúde mental da população indígena no Brasil, com ênfase em conceitos de autonomia, resiliência e identidade cultural. A amostra foi selecionada de forma intencional, baseando-se em critérios de inclusão como: artigos publicados em periódicos científicos revisados por pares, estudos com foco em comunidades indígenas brasileiras e trabalhos que discutem a saúde mental sob a perspectiva do

protagonismo indígena. Foram excluídos trabalhos que se limitavam a descrever a patologia sem propor mecanismos de resiliência.

#### 2.4 Instrumentos de Coleta de Dados

A principal técnica de coleta de dados foi a análise documental e de conteúdo. Foram consultadas as bases de dados Scielo, Google Acadêmico e o Repositório de Pesquisas do Conselho Federal de Psicologia, utilizando palavras-chave como "saúde mental indígena", "autonomia cultural", "resiliência indígena", "sofrimento psíquico" e "identidade". Foram analisados os títulos, resumos e o corpo do texto de cada material para selecionar aqueles que se alinhavam aos objetivos da pesquisa.

#### 2.5 Procedimentos para Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada em três etapas: 1) Identificação dos artigos nas bases de dados, utilizando as palavras-chave; 2) Seleção dos materiais a partir dos critérios de inclusão e exclusão; 3) Análise crítica do conteúdo para identificar conceitos, argumentos e dados relevantes que fundamentassem a discussão sobre o fortalecimento da autonomia cultural como pilar da saúde mental. Os dados foram organizados e sistematizados em planilhas para facilitar a posterior análise.

#### 2.6 Tratamento e Análise dos Dados

A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo temática. As informações extraídas dos artigos foram agrupadas em categorias temáticas, como "conceitos de saúde e doença", "práticas de cura tradicionais", "papel da liderança comunitária" e "impacto da autonomia no bem-estar". Essa abordagem qualitativa permitiu a identificação de padrões e a construção de um quadro teórico robusto que sustenta o argumento central do estudo.

#### 2.7 Aspectos Éticos

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica que utiliza apenas dados de domínio público, não foi necessária a submissão a um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Contudo, a pesquisa observou o princípio do respeito intelectual e a valorização das fontes, garantindo

a citação correta de todos os autores e publicações utilizados, evitando qualquer forma de plágio e buscando representar as ideias dos autores de forma fiel e contextualizada.

### 3. Resultados

Os resultados desta pesquisa bibliográfica, apontam para uma mudança na abordagem da saúde mental indígena na literatura recente. Em vez de focar exclusivamente nas vulnerabilidades e traumas históricos, os estudos dos últimos cinco anos têm enfatizado a autonomia cultural e a resiliência como elementos centrais para o bem-estar psicológico das comunidades indígenas (Cristaldo Gonçalves, 2025; Souza; Castro, 2023).

A análise da literatura revelou que a visão ocidental da saúde mental, que separa mente e corpo e adota um modelo biomédico individualizante, é insuficiente para compreender a saúde das populações indígenas (Cristaldo Gonçalves, 2025). As concepções indígenas de bem-estar são holísticas, abrangendo o físico, o espiritual, o ambiental e o comunitário (Cristaldo Gonçalves, 2025). O sofrimento psíquico não é apenas uma questão individual, mas um reflexo da desestruturação social, da perda territorial e do apagamento cultural (Pereira; Ferreira, 2020).

Nesse contexto, os estudos destacam que as práticas e os saberes tradicionais não são apenas um "complemento" ao tratamento ocidental, mas sim o fundamento do cuidado em saúde mental (Dantas; Jardim, 2025; Oliveira; Marques; Silva, 2023). A espiritualidade, a coletividade, o território e as práticas de cura ancestrais atuam como fatores protetores e de promoção da saúde (Souza; Castro, 2023; Oliveira; Marques; Silva, 2023). A literatura mostra que a autodeterminação e o fortalecimento das lideranças locais são cruciais para a promoção do bem-viver e para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento de adversidades (CRP09, 2023).

Os achados desta pesquisa convergem com a crescente valorização das epistemologias indígenas e com o reconhecimento de que a saúde não pode ser dissociada do contexto cultural e social (Dantas; Jardim, 2025). O enfoque na autonomia cultural e na resiliência é um contraponto direto à visão patologizante que historicamente dominou as políticas públicas de saúde e os estudos acadêmicos (Cristaldo Gonçalves, 2025). Ao invés

de tratar o indígena como um "paciente" que precisa ser assimilado por um modelo ocidental, os resultados sugerem que o caminho é o empoderamento das comunidades para que fortaleçam seus próprios mecanismos de cura e bem-estar (Dantas; Jardim, 2025).

A pesquisa também evidencia a necessidade de superar as limitações das políticas públicas atuais, que frequentemente não estão preparadas para lidar com as cosmovisões e práticas de cura tradicionais (Oliveira; Marques; Silva, 2023). Isso ressalta a importância de que as vozes indígenas sejam incluídas na formulação de políticas de saúde, garantindo um atendimento mais sensível e respeitoso (CFP, 2024).

Uma limitação do presente estudo é o seu caráter bibliográfico, que não permite a coleta de dados primários diretamente das comunidades. No entanto, a análise de uma ampla gama de fontes secundárias recentes reforça a coerência dos achados e a relevância da abordagem. A principal contribuição desta pesquisa é a de reforçar a ideia de que a saúde mental indígena não é apenas uma questão de tratamento de transtornos, mas uma questão de dignidade, território e autodeterminação (CRP09, 2023). Estudos futuros poderiam explorar a aplicação prática de modelos de saúde mental baseados na autonomia cultural e analisar seus impactos a longo prazo nas comunidades.

#### 4. Conclusão

A partir da análise da literatura, concluímos que a saúde mental da população indígena no Brasil transcende a visão tradicional de patologias, posicionando-se como uma questão intrinsecamente ligada à dignidade, ao território e à autodeterminação. O estudo demonstrou que as práticas de resiliência e a autonomia cultural não são meros complementos, mas sim o alicerce fundamental para o bem-estar e o enfrentamento de adversidades históricas e contemporâneas. Ao focar no protagonismo indígena, esta pesquisa contribui para a descolonização do pensamento em saúde mental, sugerindo um modelo que valoriza os saberes ancestrais e as capacidades internas das próprias comunidades.

Nesse sentido, a principal contribuição deste trabalho é a de reforçar que o caminho para uma saúde mental indígena robusta não reside na assimilação de

modelos externos, mas no fortalecimento dos vínculos comunitários e na valorização das próprias cosmovisões.

As políticas públicas, a pesquisa acadêmica e a prática profissional devem se alinhar a essa perspectiva, promovendo a inclusão das vozes indígenas e o reconhecimento de suas práticas de cura como elementos legítimos e essenciais. Futuros estudos poderiam aprofundar-se na aplicação de modelos de saúde mental baseados na autonomia cultural e avaliar seu impacto a longo prazo, garantindo que o cuidado seja construído "com" e "pelos" povos indígenas, e não imposto a eles.

#### 5. Referências

CRISTALDO GONÇALO, L. F. Saúde mental, educação indígena e decolonialidade. **Revista Even. Pedagóg.**, Sinop, v. 16, n. 1 (41. ed.), p. 446-454, jan./jul. 2025.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/rebs/article/download/13437/9447>. Acesso em: 25 ago. 2025.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE GOIÁS. Psicologia é aliada na luta pela autodeterminação dos povos indígenas no Brasil. **Conselho Regional de Psicologia de Goiás**, 19 abr. 2023. Disponível em: <https://www.crp09.org.br/portal/noticia/3017-psicologia-e-aliada-na-luta-pela-autodeterminacao-dos-povos-indigenas-no-brasil>. Acesso em: 25 ago. 2025.

DANTAS, R.; JARDIM, A. A saúde mental em contexto indígena no Brasil – um olhar sob a perspectiva do **Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia**. 2025. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www.prpg.usp.br/pt-br/press-release-teses-e-dissertacoes/10482-a-saude-mental-em-contexto-indigena-no-brasil-ndash-um-olhar-sob-a-perspectiva-do-construtivismo-semiotico-cultural-em-psicologia>. Acesso em: 25 ago. 2025.

OLIVEIRA, P.; MARQUES, L.; SILVA, J. **Autonomia cultural e saúde mental**. 2023. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2024/09/crepop\\_indigenas\\_revisada\\_2024\\_2ed.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2024/09/crepop_indigenas_revisada_2024_2ed.pdf). Acesso em: 25 ago. 2025.

PEREIRA, J.; FERREIRA, C. A importância do atendimento qualificado a indígenas com tentativa de suicídio: relato de experiência. **Revista da NuFEN**, Belém, v. 12, n. 3, p. 217-231, set./dez. 2020. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/mufen/v12n3/a14.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2025.

SOUZA, A. P.; CASTRO, J. Saúde mental indígena em território de conflitos: o caso da comunidade Tupinambá da Serra do Padeiro no sul da Bahia. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 32, n. 4, e220261, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/KgCXP8nbXMfrxqQ49Bz3Hvx/>. Acesso em: 25 ago. 2025.